



JUVENTUDE E PAZ: Pensando esta relação

Rosa Maria de Almeida Macêdo¹

Kelma Socorro Alves Lopes de Matos²

Resumo

Neste texto, apresentamos a experiência de pesquisa-intervenção realizada em uma escola pública de Teresina-PI, com o objetivo de colaborar na construção de uma Cultura de Paz nesse ambiente escolar. A pesquisa foi realizada de junho de 2010 a junho de 2011, envolvendo 71 alunos das turmas de 6º ao 9º do Ensino Fundamental, a equipe gestora, os funcionários e os professores. Em conformidade com esta modalidade de pesquisa definimos: o campo de análise, constituído pelos autores que tratam sobre a nossa temática; o campo de intervenção, a Escola Maria Melo, espaço escolhido como *lócus* do estudo; e os dispositivos ou estratégias como grupos focais, questionários e oficinas temáticas. Dos resultados, em fase de sistematização, destacamos os que se referem às percepções dos jovens sobre o tema paz. A análise institucional mostrou que o conceito de paz, predominante no grupo, é aquele em que a paz é associada à quietude, harmonia e tranquilidade, resumida à dimensão individual. Também ficou evidenciado que o debate e a problematização da realidade proporcionou aos jovens refletirem sobre suas vivências. Sinalizam um processo de mudança e construção de novos saberes e atitudes relacionados à Cultura de Paz.

Palavras-Chave: Juventudes. Cultura de Paz. Escola.

Recebido em: outubro/2011 - Aceito em: novembro/2011

1 Professora do Departamento de Fundamentos da Educação da UFPI e Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação da UFC. E-mail: rosinhalmeidam@hotmail.com

2 Professora do Programa de Pós Graduação em Educação da UFC. E-mail: kelmatos@uol.com.br





YOUTH AND PEACE: THINKING THIS RELATION

Abstract

This paper presents the experience of an interventive research undertaken in a public school in the city of Teresina-PI aiming to collaborate in the construction of a Culture of Peace in this school environment. The research was undertaken from June/2010 to June/2011, involving 71 Elementary Junior High students, the management team, employees and teachers. According to this research type, we defined: the analyses Field built by the authors who discuss this theme; the interventive field, the school “Maria Melo”, chosen space to be the *locus* of the study; and the devices or strategies as focal groups, questionnaires and thematic workshops. Based in the preliminary results, we highlight the ones which refer to the Young people`s perception of peace. The institutional analyses revealed that the concept of peace, predominant in the group, is the one in which peace is associated to quietness, harmony and calmness, all in the individual dimension. It was also clear that the debate and the reality problematization offered the young people the opportunity of thinking about their experiences which may point out to a change process and to the construction of new knowledge and attitudes related to the Culture of Peace.

Keywords: Youth. Culture of peace. School.

Introdução

Neste artigo apresentamos o trabalho de pesquisa-intervenção, realizada no período de junho de 2010 a junho de 2011, na Escola Maria Melo, em Teresina - PI, parte do nosso projeto de tese de doutoramento, cujo objetivo é colaborar com a construção de uma Cultura de Paz no ambiente escolar a partir do envolvimento dos jovens. Faremos um recorte do conjunto dos resultados, no qual enfocamos os jovens como sujeitos capazes de se engajar e empreender ações que visem mudanças na realidade social, podendo contribuir, inclusive, em relação à construção da paz na escola (MATOS, 2003, 2006, 2007; ABRAMO, 1997).





A Escola Maria Melo faz parte da rede pública estadual, oferece o Ensino Fundamental do 3º ao 9º ano, além de Educação de Jovens e Adultos, no turno da noite e está localizada na zona sudeste de Teresina. Mesmo possuindo um número pequeno de alunos, apenas 229 em 2011, e dos esforços envidados, a escola convive com vários problemas: a indisciplina, a frequência irregular, os baixos níveis de desempenho dos alunos, a evasão, os eventos de violência, além de questões ligadas às relações interpessoais.

Neste texto, destacamos duas categorias utilizadas no nosso trabalho. Uma delas é **juventude**, discutida por Groppo (2000), Matos (2003, 2006, 2007), Peralva (1997) e Abramo (1997, 2000), que apontam para o seu caráter histórico e cultural, o que nos livra de considerá-la somente a partir de referências cronológicas e biológicas. A outra categoria é a de **Cultura de Paz** compreendida como a cultura na qual os valores relacionados à paz, como a justiça, o respeito e a solidariedade, dentre outros, pautam as relações das pessoas com elas mesmas, com os outros e com o planeta (JARES, 2002, 2007; GUIMARÃES, 2003, 2005, 2006; MATOS, 2003, 2006, 2007; TUVILLA RAYO, 2004; YUS, 2002).

Assim, estruturamos o texto do seguinte modo: na primeira parte mostramos a metodologia utilizada para a realização do estudo e justificamos a escolha da pesquisa-intervenção; na segunda parte, apresentamos os resultados relacionados ao conceito de paz, obtidos a partir da análise institucional feita durante os diferentes dispositivos ou estratégias realizados com os jovens.

2 A pesquisa-intervenção como recurso metodológico

Sabemos que a definição da metodologia é um aspecto que costuma gerar dúvidas no pesquisador, tendo em vista que os seus objetivos estão relacionados a uma escolha adequada do objeto a ser estudado. No nosso caso, a indagação que fizemos foi: como colaborar com a escola na construção de uma Cultura de Paz, sabendo que isso implica na desconstrução da cultura de violência ali existente? Uma ou outra questão se concretiza por meio de práticas institucionalizadas. Seria, então, necessário utilizar uma metodologia que proporcionasse a oportunidade de reflexão sobre as ações





cotidianas para que, desse modo, os sujeitos envolvidos avaliassem a necessidade de transformá-las. Diante disso, decidimos por realizar uma pesquisa-intervenção, que é uma abordagem qualitativa utilizada em investigações sociológicas, psicológicas e educacionais quando o propósito é provocar mudanças em grupos e, cujo processo requer, necessariamente, a transformação dos sentidos cristalizados nas instituições (ROCHA; AGUIAR, 2003; ROCHA, 2006; POCAHY; NARDI, 2007; LYRA *et al*, 2002, MOREIRA, 2003, SARRIERA, 2008).

A análise institucional é, pois, o fundamento desta modalidade de pesquisa que, para ser desenvolvida, requer a construção de dois campos: o **de análise**, que corresponde ao conjunto dos aportes teóricos que tratam das questões presentes ou relacionadas ao problema investigado; e o **de intervenção**, que representa o espaço de interlocução, isto é, o território ou local onde se dá a investigação. É importante ressaltar que “os campos de análise e de intervenção, embora diferentes, são eixos indissociáveis da pesquisa”, podendo se constituir simultaneamente (ROCHA; UZIEL, 2008, p. 540). Além disso, por se tratar de uma análise das instituições faz-se necessário, evidentemente, a construção do que na pesquisa-intervenção se denominam **dispositivos de análise ou mobilizadores** e representam as diferentes estratégias por meio das quais é possível colocar em questionamento as práticas cotidianas, para que, ao refletir sobre elas, os sujeitos se mobilizem na construção de novas práticas.

No **campo de análise** temos, portanto, diferentes autores que falam a respeito dos conceitos abordados na investigação. Para uma melhor compreensão acerca do processo de institucionalização recorreremos à teoria das instituições de Berger e Luckmann (2008), na qual eles apontam o cotidiano como o lugar onde nascem e se enraízam as instituições enquanto saberes que orientam as práticas coletivas, cujos elementos precisam ser desvelados e postos em questionamento, a fim de que “leituras que eventualmente naturalizem a realidade” possam ser postas em debate (SATO, 2008, p. 174).





Sobre a compreensão de paz, nos fundamentamos no pensamento de autores que a consideram uma construção social e histórica, numa perspectiva abrangente (intra e interpessoal, local, nacional e internacional), como algo que interliga todos os seres vivos. Além disso, ao considerar a paz na acepção positiva, esses autores incluem o conflito, considerado elemento constitutivo das relações humanas, portanto, algo que não deve ser evitado ou combatido (JARES, 2002, 2007; MATOS, 2006, 2007; MATOS, NASCIMENTO, 2008; GUIMARÃES, 2003, 2005, 2006), como comumente é feito no ambiente escolar.

Em relação ao conceito de juventude recorremos a Matos (2003, 2006, 2007), Groppo (2000), Peralva (1997) e Abramo (1997, 2000), que afirmam se tratar de uma categoria social em que se encontram presentes uma representação e uma situação social, ratificando os seus aspectos, histórico e cultural. Nessa perspectiva, a juventude, assim como outras categorias sociais ancoradas nas faixas etárias, tem passado por várias mudanças na história sendo representada socialmente e vivida, com diversidade na realidade cotidiana, tendo em vista sua relação com outras situações sociais como, por exemplo, a classe ou estrato social, as diferenças culturais, de gênero e etnia, dentre outras (GROPPO, 2000). Desse modo, os jovens são vistos nas suas múltiplas expressões, tendo em vista que se apresentam e vivem esse momento da vida de maneiras diversas, o que nos dá a permissão para falarmos, não de uma juventude, mas de juventudes, termo que adotamos em nosso trabalho.

Quanto ao **campo de intervenção**, esse foi constituído por meio de um processo no qual elegemos como principais critérios, ser uma escola pública onde, potencialmente, existia uma demanda que justificou uma ação interventiva e, principalmente, a adesão voluntária dos seus membros à nossa proposta de trabalho. A partir destes critérios, definimos a Escola Maria Melo como nosso espaço de atuação/intervenção. Em relação aos **dispositivos de análise**, utilizamos estratégias variadas a fim de possibilitar uma





maior abrangência, tanto em relação aos diferentes segmentos, funcionários, alunos, gestores e professores, como também no que se refere a alcançar objeto e objetivo do estudo.

Depois de visitar as turmas do 6º ao 9º ano para falar sobre a proposta de desenvolver o projeto de Cultura de Paz e pedir a colaboração dos alunos, realizamos **duas oficinas** com cada turma: na primeira, abordamos o tema paz e na segunda, falamos sobre temas indicados pelos próprios alunos em um questionário que aplicamos. A partir dessas oficinas formamos um grupo - o critério foi a adesão espontânea e não havia um número fixo de participantes -, variando sempre entre seis a doze, com o qual desenvolvemos as seguintes atividades:

- a) **duas sessões de grupo focal**, em que tratamos de questões sobre a vida do jovem na escola e na família e dos seus sentimentos em relação a estes dois contextos;
- b) **seis oficinas** temáticas, nas quais abordamos os pontos do Manifesto 2000, da UNESCO² - Por uma Cultura de Paz e não Violência;
- c) preparação e **encenação de uma peça teatral**, na Festa em Homenagem às Mães; **duas rodas de conversa**: a primeira sobre o tema Morte e o segundo sobre Namoro - temas solicitados pelos alunos, como já mencionado,
- d) encontros para planejamento e conversas informais.

Em relação aos outros segmentos, durante o período em que estivemos na Escola, participamos de diferentes situações e eventos (feiras, reuniões, festividades, planejamentos) considerados dispositivos espontâneos, no sentido de não ter havido um planejamento prévio da nossa parte porque foram surgindo no decorrer do estudo devido à nossa inserção no campo de intervenção (ROCHA; UZIEL, 2008).

2 UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.





É importante ressaltar que todas as experiências vividas na Escola, de forma planejada ou não, as observações do cotidiano, o vai e vem das pessoas, a dinâmica das relações, foram registradas: no diário de campo, em fotografias, em áudio e arquivamento de informações como, *folders*, mensagens, desenhos. Esse material ainda se encontra em fase de sistematização e análise e destacamos para apresentar nesse artigo apenas os resultados relativos às percepções dos jovens acerca da Cultura de Paz.

3 O olhar dos jovens sobre a Paz

A paz é um anseio compartilhado pela maioria das pessoas em todo o mundo. A escalada da violência assusta e nos obriga a pensar sobre novas práticas de convivência. Com isto não queremos dizer que a violência é um fenômeno exclusivo das sociedades modernas, pois como algo criado pelo próprio homem, existe desde o início da sua história. No entanto, nos últimos tempos ela tem assumido feições cada vez mais cruéis, o que segundo Milani (2003) contrasta com os enormes avanços alcançados pelo ser humano em todos os campos.

A diminuição das distâncias pelos meios de transportes e de comunicação, a aquisição de bens que facilitam nosso dia a dia e nos trazem conforto e bem-estar, as vacinas e os medicamentos que prolongam a vida, são alguns exemplos do que a evolução científica e tecnológica pode proporcionar. Infelizmente, somente parte da população tem usufruído destes benefícios, restando uma grande parcela que sequer tem acesso a bens e serviços básicos como, moradia, educação de qualidade, alimentação.

Diante desse contraste que mostra a humanidade dividida entre os que têm acesso a tudo e os que nada possuem, construir a paz é um desafio para a humanidade, pois como afirma Paulo Freire, ela está relacionada à justiça social e só é possível em realidades onde não existam desigualdades de qualquer natureza. Isto nos leva a pensar a paz sob uma perspectiva abrangente e não como algo referenciado ao ser individual, embora esta dimensão também esteja incluída. Além disso, nos ajuda a desnaturalizar os conceitos de paz e o de violência, que são construções humanas.





A partir do pressuposto de que a paz e a violência são “fabricadas” pelo homem, pensamos que este aprendizado ocorre em todos os espaços de socialização nos quais os indivíduos circulam no decorrer da vida. Com isto queremos dizer que “ser violento” ou “agir em e com paz” é algo que aprendemos sutil e gradativamente, e aos poucos passamos a manifestar em nossas práticas cotidianas, comportamentos e atitudes relacionadas a uma ou outra forma, até o momento em que de tão repetidas, se tornam “naturais”, isto é institucionalizadas (BERGER; LUCKMANN, 2008).

Desse modo, ao pensarmos em colaborar na construção de uma Cultura de Paz na Escola Maria Melo, a primeira questão que procuramos abordar está relacionada à compreensão a respeito do conceito de paz. Durante a realização dos dispositivos de análise, ao expressarem suas ideias, os jovens deixaram evidenciada uma concepção de paz relacionada a um “estado de harmonia”, “tranquilidade” e “quietude”. Quando questionamos estas definições, pelo fato de remeterem a algo sem movimento, os jovens argumentaram que “paz é isso mesmo”, inclusive quando queremos ficar quietos costumamos pedir às pessoas que “nos deixem em paz”.

Na verdade, esses fragmentos revelam características muito presentes quando as pessoas, em geral, se referem à noção de paz, portanto, de certo modo já esperados. Uma delas é a sua redução ao plano intrapessoal, relacionando-a a uma experiência individual de tranquilidade interior, como algo privado, particular, como pode ser exemplificado pela fala do jovem ao afirmar: “estou em paz quando estou quietinho e ninguém mexe comigo”, pois “tem horas que a gente quer mesmo é ficar sozinho e em paz!”. Outra característica bem evidenciada é a associação do conceito a um estado de quietude, o que nos leva a pensar em algo passivo e sem dinamismo. O verbo “estar” que comumente antecede o termo paz ilustra o que estamos querendo dizer.

Essa forma de pensar reflete a maneira como o Ocidente construiu e difundiu a noção de paz, derivada, principalmente dos conceitos de paz grega, *eirene*, e romana, *pax* (JARES, 2002, 2007). No primeiro, a paz é entendida como um estado de tranquilidade,





no qual não existiriam conflitos, enquanto no segundo a paz é considerada como ausência de violência segundo a lei, mas não no sentido de justiça, prosperidade, reciprocidade e igualdade para todos (JARES, 2002, 2007; GUIMARÃES, 2003, 2005). Concordamos com os autores quando eles afirmam que com isso, houve a perda do conteúdo político e intersubjetivo e a crescente privatização da paz, tornando-a uma acepção negativa.

A ideia que os jovens têm sobre o conflito como sinônimo de violência, como algo ruim e que deve ser combatido, também reflete o empobrecimento dessa noção de paz. Para eles, na escola “não existe paz” porque “só vive tendo conflito. É aluno com aluno, é aluno com professor. Até com a diretora tem”.

Trata-se de um equívoco, pois de acordo com Guimarães (2003, p. 54) os “conflitos são normais e não são necessariamente positivos ou negativos, maus ou ruins”. Todo conflito exige resposta e é o modo como respondemos a esta situação, se por meios violentos ou não violentos que torna o conflito positivo ou negativo, construtivo ou destrutivo. Outros autores como, Jares (2002, 2007), Milani (2003), Rabanni (2009), Matos (2006, 2007), dentre outros, corroboram com esse pensamento. Sem dúvida, os conflitos mostram as singularidades com que nos manifestamos e sua não aceitação como natural apenas revela a dificuldade que nós, seres humanos, temos para lidar com pontos de vista diferentes do nosso.

A leitura naturalizante que é feita sobre a paz, também é percebida em relação à violência, que em muitas situações nem é considerada como tal. Durante a realização de grupo focal, quando falávamos sobre a relação entre alunos e professores, uma jovem fez questão de dizer “eu me dou bem com todo mundo, principalmente com os professores”, pois, segundo ela, isso é necessário, e acrescentou: “imagina que me dou bem até com aquele professor que manda a gente comer capim!”. Diante dessa afirmativa, confirmada por alguns colegas, pedimos para que falasse mais sobre isto, mas ela disse apenas que isso ocorria, sempre que o aluno errava e que preferia não revelar o nome do professor, pois temia ser punida.

Procuramos problematizar a situação perguntando então





se eles compreendiam essa atitude do professor como violência. Alguns disseram que sim e outros que não, incluindo a aluna que havia contado o fato que chegou a justificar o comportamento do professor dizendo que isso faz parte da sua tarefa. Insistimos para que pensassem sobre o assunto e tentassem responder a seguinte pergunta: “como você se sente quando o professor lhe trata dessa maneira?”. Após alguns minutos uma jovem respondeu: “Eu? Eu me sinto inferior, um lixo! É isso. Eu me sinto um lixo!”.

De repente, alguém pergunta: “então violência não é só bater, agredir? Parece ser difícil considerar que atitudes como colocar apelidos, xingar e discriminar os colegas ou depredar o patrimônio da escola, dentre outras, podem ser consideradas formas de violência e não simples brincadeiras.

É difícil admitir que, na escola, a violência pode ser cometida por qualquer pessoa, inclusive por aqueles que, segundo os jovens, deveriam servir de modelos. Uma jovem contou que não fala com determinado professor na escola, a quem “ninguém tem coragem” de perguntar nada, porque ele responde grosseiramente, então “eu? Fico caladinho, porque tenho até medo dele me engolir!”. E acrescenta: “eles só fazem isso porque a gente é mais fraca, e não diz nada. Por isso vem descontar na gente a raiva de tudo, como se a gente tivesse culpa deles ganharem mal, de brigar com a mulher, sei lá!”.

Ao final, um jovem faz a seguinte conclusão: “ora, professora, se isso tudo é violência, então aqui na escola não tem paz!” ao que outro, imediatamente acrescentou: “é, é verdade, porque a paz é algo onde não acontece violência”. Esses últimos fragmentos de fala apontam para uma compreensão de paz como a não existência de violência, o que é afirmado por Galtung (1985). Para esse autor, paz e violência são conceitos contrários, embora relacionados, não sendo possível compreender um sem que se compreenda o outro, o que só é possível por meio de uma análise em que os dois conceitos sejam considerados de maneira ampliada e positiva. Nesta perspectiva, a violência deixa de ser considerada apenas na sua forma direta mais





facilmente observável e reconhecível, a agressão física, para também incluir a violência estrutural, relacionada a determinadas estruturas sociais onde predomina a injustiça social e, a violência cultural, ambas, menos visíveis que a primeira (GALTUNG, 1985; JARES, 2002, 2007). Na acepção positiva, a paz passa a ser compreendida como uma ação e não simplesmente como a ausência de algo, um processo dinâmico em que não existe um fim em si mesmo, mas a busca permanente por condições favoráveis de existência dos seres humanos.

Por fim, algumas considerações

As reflexões delineadas nos parágrafos anteriores mostram que entre os jovens da Escola Maria Melo predomina a acepção negativa de paz, confirmando o que Jares (2002, 2007) e Guimarães (2003, 2005, 2006) afirmam sobre a existência de uma pobreza desse conceito. A análise institucional que realizamos por meio dos diferentes dispositivos revelou que a forma como esses jovens percebem e definem a paz e a violência, se deu em conformidade com o que Berger e Luckmann (2008) descrevem no processo de institucionalização. Cotidiana e repetidamente, desde o nascimento, os jovens foram internalizando elementos que vão se refletir nesse jeito de pensar. Embora não sejam passivos neste processo, os jovens terminam por reproduzir, ao seu modo, conceitos e concepções recorrentes no âmbito familiar e escolar.

No entanto, apesar disso, também é possível perceber nas falas dos jovens, elementos relacionados à positividade do conceito, que aliados à disponibilidade e abertura para o diálogo podem favorecer uma nova compreensão de paz. Nesse sentido, refletir sobre o conceito de paz com os jovens da Escola Maria Melo foi muito importante porque favoreceu ao grupo expor suas concepções, problematizá-las e, assim, construir novas compreensões a respeito do assunto. Ao mesmo tempo também foi importante porque sinalizou para a necessidade do exercício e da vivência como forma de ampliar esta compreensão.





Referências

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**. Número Especial – Juventude e Contemporaneidade. mai./jun./Jul./Ago. 1997, n. 5; set./out./nov./Dez. 1997, n. 6. Anped – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

ABRAMO, Helena W.; FREITAS, M. Virgínia de; SPÓSITO, Marília P. (Orgs.) **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2008

GALTUNG, Johan. **Sobre La Paz**. Barcelona: Fontanària. 1985

GROPPO, Luís Antonio. **Juventudes**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. Em torno do Conceito da Paz. In: BALESTRERI, Ricardo Brisolla (Org.). **Na Inquietude da Paz**. Passo Fundo, RS: CAPEC, 2003. p. 33-59.

_____. Desafios para a construção de uma Cultura de Paz. In: **I Seminário Direitos Humanos e Educação para a Paz**. Brasília, 8 e 9.dez. 2005, p. 2-5.

Disponível em: <http://www.comunidadessegura.org/files/active/0/Desafios%20para%20a%20constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20uma%20cultura%20de%20paz.pdf> Acessado em 11 abr. 2009

_____. **Aprender a Educar para a Paz**: instrumental para capacitação de educadores em educação para a paz. Goiás: Editora Rede da Paz, 2006.

JARES. Xesus R. **Educação para a paz**: sua teoria e sua prática. Porto Alegre: Artmed. 2002

_____. **Educar para a paz em tempos difíceis**. São Paulo: Palas Athena, 2007.

LYRA, Jorge *et al.* “A gente não pode fazer nada, só podemos decidir sabor de sorvete”. Adolescentes: de sujeito de necessidades a um sujeito de direitos. **Cadernos Cedes**. Campinas, v. 22, n. 57, p. 9-21, ago./2002.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Juventude, professores e escola**: possibilidades de encontros. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2003.

_____. Juventude, Paz e Espiritualidade: Opção por uma Prática Educativa Ético-amorosa. In: IBIAPINA, Ivana Maria





L. de M.; CARVALHO, Maria Vilani C. de. (Orgs.). **A pesquisa como mediação de práticas socioeducativas**. IV Encontro de pesquisa em educação da UFPI. Teresina: Ed. UFPI, 2006. p. 167-178.

_____. Juventudes e Cultura de Paz: Diálogos de Esperança. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade**, Teresina, ano 12, n. 16, p. 65-70, jan./jun. 2007.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; NASCIMENTO, Verônica S.; Articulando saberes da educação para a paz e educação ambiental: o anúncio de uma nova era. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; NASCIMENTO, Verônica S.; NONATO JÚNIOR, Raimundo. (Orgs.). **Cultura de Paz: do Conhecimento à Sabedoria**. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 64-78.

MILANI, Feizi M. De espectadores a protagonistas da Cultura de Paz. In: BALESTRERI, Ricardo Brisolla (Org.). **Na Inquietude da Paz**. Passo Fundo, RS: CAPEC, 2003. p. 13-31

MOREIRA, Maria Ignez Costa. Pesquisa-intervenção: suas especificidades e aspectos da interação entre pesquisadores e sujeitos de pesquisa. In: CASTRO, Lúcia Rabello de; BESSET, Vera Lopes. **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Ed. FAPERJ/NAU. 2009. p. 409-432.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**. Número Especial – Juventude e Contemporaneidade. n. 5, Mai./Jun./Jul./Ago. 1997; Set./Out./Nov./Dez. 1997, n. 6. Anped – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

POCAHY, Fernando Altair; NARDI, Henrique Caetano. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 1, n. 15. Jan./abr. 2007.

RABBANI, Martha Jalali. **Por que educar para a paz?** Disponível em: <http://douglashrhds.blogspot.com/2008/02/por-qu-educar-para-paz.html>. Acessado em 11/04/2009.

ROCHA, Marisa Lopes. Psicologia e as práticas institucionais: A pesquisa-intervenção em movimento. **Revista PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n. 2, p. 169-174, maio/ago. 2006.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Kátia Faria. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Revista Ciência e Profissão**, v. 4, n. 23, p. 64-71, 2003.

ROCHA, Marisa Lopes da; UZIEL, Anna Paula. Pesquisa-intervenção e novas análises no encontro da Psicologia com as





instituições de formação. In: CASTRO, Lúcia Rabello de; BESSET, Vera Lopes. **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: FAPERJ/NAU, 2008. p. 532-556.

SATO, Leny. Pesquisar e intervir: encontrando o caminho do meio. In: CASTRO, Lúcia Rabello de; BESSET, Vera Lopes. **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: FAPERJ/NAU. 2008. p. 171-178.

SARRIERA, Jorge Castellá; CÂMARA, Sheila Gonçalves. Pesquisa e intervenção junto a adolescentes: experiências que ensinam. In: CASTRO, Lúcia Rabello de; BESSET, Vera Lopes. **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: FAPERJ/NAU. 2008. p. 43-61.

TUVILLA RAYO, José. **Educação em Direitos Humanos**: rumo a uma perspectiva global. Porto Alegre: Artmed, 2004.

YUS, Rafael. **Educação Integral**: uma educação holística para o século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2002.

